

reportagem cultural

Trajетória breve e intensa

Marcello Campos*

Agilidade, paixão e conhecimento faziam de Foquinha uma peça eficiente na engrenagem da companhia Caldas Júnior, como secretário de Redação da Folha da Tarde. Em depoimento décadas depois, o ex-diretor Adail Borges Fortes (1914-1995) lembraria o sobe e desce do jovem colega: “É uma barbaridade, quase 11 horas e nada... Deem um jeito! E assim passava a manhã, no zelo da ‘Folhinha’, como a chamava. Aí os repórteres iam enchendo de notícias a mesa dele, que brincava satisfeito, fazia blague. Um almoço ligeiro e depois as páginas vazias à espera na oficina. Essa composição quero assim, aquele clichê vai na capa. E o título cercado que pedi? Permanecia no café até que a máquina terminasse de rodar”.

Sua popularidade nas ruas já era um ‘abafa’ quando passou a ter suas crônicas veiculadas com maior frequência pelo vespertino no início de 1937. Leitor eclético e cronista de estilo leve e irreverente em pautas sobre a cidade e a vida numa época de transformações, também abria espaço generoso ao sarcasmo - como na resposta-alfinetada a um desafeto (de identidade fingidamente oculta ao leitor), travestida de comentário sobre a falta de assunto pós-Carnaval. Um desses textos demonstra habilidade em rir de seu próprio ganha-pão, frente ao anúncio da abertura de um futuro curso de Comunicação na capital gaúcha:

“Duvido que exista classe mais sacrificada que a minha, sem amparo de leis sociais ou sequer um pecúlio. Passa a vida trabalhando intensamente, sem recompensa a

não ser a certeza de ter vivido um pouco. Apesar de tudo, até hoje não me arrependi da profissão que abracei. Muito pelo contrário. Adoro minha vida de jornalista humilde e provinciano, pois através dela conheci e pude compreender os erros de uns e as virtudes de outros, daqueles que nos atacam por despeito ou elogiam por interesse. Os graves e insolúveis problemas da humanidade. Nela apreendi a viver melhor, ou pelo menos diferente (...)”.

Ambientado em um dos principais cafés do Largo dos Medeiros, o trecho final de outra das crônicas de Plauto fala de um sentimento que o mantinha em estado de alerta. “Ontem à tarde, eu tomava um cafezinho no América e começou a juntar gente no meio da rua a cada vez que um toque de corneta chegava mais perto. Curiosidade é comigo! Já fui repórter de polícia... Paguei às pressas minha despesa de 200 réis e ganhei a calçada, atravessando a multidão que aos poucos ia se formando”, narra antes de revelar, decepcionado, o motivo do burburinho. Era o desfile-propaganda de novo circo que chegava a Porto Alegre com “elefante pachorrento e de costelas à mostra, puxando o cordão junto a um camelo que nem o deserto aceitaria mais”.



'Foquinha' alcançou imensa popularidade na Porto Alegre dos anos 1930

Plauto é o primeiro à esquerda, em foto batida minutos antes do acidente que lhe tirou a vida

* Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.